

A CRÍTICA À RAZÃO NO PENSAMENTO DE THEODOR ADORNO E HORKHEIMER

Valter do Nascimento¹
Hugo Estevam²

RESUMO: Este artigo apresenta a Modernidade como um projeto de emancipação da razão iluminista. Expõe os fundamentos da razão, a saber, a defesa do conhecimento, a audácia de exercer livremente o juízo e de levar a toda parte o espírito crítico e libertador, uma razão que só respeita a ela mesma. Apresenta os fundamentos da crítica totalizante da razão iluminista realizada pelos pensadores, como Adorno e Horkheimer, que identificam no tipo de razão que formou a Modernidade, uma razão que não liberta, mas que reifica o sujeito, transformando-o em objeto.

Palavras-chave: Modernidade. Iluminismo. Razão instrumental. Crítica.

ABSTRACT: Displays Modernity as an emancipation project of Enlightenment reason. Setting out the grounds of Enlightenment reason, namely, the protection of knowledge, the audacity to freely exercise judgment and take all of the critical and liberating spirit, a reason that relates only to itself. It presents the fundamentals of totalizing critique of Enlightenment reason held by thinkers Adorno and Horkheimer, which identify the type of reason that formed Modernity, a reason that does not free, but reifying the subject, turning it into an object.

Keywords: Modernity. Enlightenment. Instrumental reason. Critics.

INTRODUÇÃO

O absolutismo e o regime feudal do século XVII na Europa foram enfraquecidos com o crescimento da classe burguesa e a necessária mudança estrutural para o atendimento de seus interesses. Foi com o Iluminismo que as novas propostas vieram à tona e se espalharam por todo o ocidente. Se na Idade Média a fé sustentava as premissas da sociedade, na Idade Moderna esse elemento basilar é substituído pela razão. Os dogmas, as crenças e o misticismo são deixados de lado, uma vez que somente passa a ser válido aquilo que possa ser demonstrado racionalmente. As crenças existentes na sociedade tornam-se questionáveis, através do saber empírico. Por meio da ascensão do Iluminismo no fim do século XVII e início do século XVIII, surge então, a valorização da razão como instrumento de eficácia em relação ao conhecimento da realidade e a possibilidade de o próprio homem

¹ Mestrando em Filosofia - Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: naseval@hotmail.com

² Doutorando em Filosofia – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: hestevam@hotmail.com

escolher o que deve ou não ser aceito como verdadeiro, através da comprovação científica. Este momento histórico é caracterizado pela exaltação da subjetividade.

No entanto, o poder de comando de decisão sobre as coisas do mundo passa para o crivo do próprio homem que detém as *luzes da razão* e não mais nas explicações transcendentais. No horizonte da racionalidade moderna, o sujeito é considerado “*imbatível*”, ou seja, capaz de alcançar tudo o que almejar mediante a racionalidade. O Iluminismo significou uma grande aposta feita pela humanidade nas possibilidades da razão. Portanto, as raízes dessa nova forma de pensar foram lançadas pelo humanismo renascentista. O projeto moderno sintetiza-se pela crença na racionalidade e no progresso. A história parecia confirmar o triunfo racional com um progresso contínuo e avassalador. As revoluções (Francesa e Industrial) prometiam tempos melhores para a humanidade. Todavia, essa euforia moderna em relação às “*luzes da razão*” perdeu força, não conseguindo iluminar mais com tanta efetividade.

Neste artigo, toma-se como ponta pé inicial, a razão iluminista e a sua noção de autonomia, duas noções nas quais se sustenta o programa da Modernidade. A razão iluminista é universalista e crítica, voltada para a libertação do sujeito em relação a dogmas metafísicos, preceitos morais, superstições religiosas, relações desumanas e qualquer tipo de tirania política. A autonomia é a coragem que o sujeito tem de fazer uso público de sua racionalidade, vivendo somente a lei que é imposta por sua própria razão. Apresentar-se-á a fundamentação do projeto da razão iluminista e suas pretensões em relação à humanidade inteira. Num segundo momento, abordar-se-á a crítica total da razão feita pelos frankfurtianos Adorno e Horkheimer, que identificaram no tipo de razão iluminista uma razão instrumental. Moldadora dos sentimentos e desejos contidos na natureza humana, constituindo um indivíduo eminentemente mecânico e racional.

O ILUMINISMO E O ADVENTO DA RAZÃO COMO PROJETO DA MODERNIDADE

Antes de adentrar em uma abordagem crítica sobre a razão, se faz necessário explanar detalhadamente sobre o iluminismo, como ápice e advento da razão moderna. O Iluminismo é designado como um movimento cultural inovador e revolucionário, difundido na Europa,

no século XVIII. Este movimento, enquanto ponto de chegada aparece como sendo o ponto alto de uma trajetória que começou a despertar no Renascimento, que de certa forma, desligavam-se e criticavam o pensamento escolástico³ e com o interesse crescente pelas ciências da natureza, tiveram de lutar pela liberdade, contra o poder estabelecido principalmente pelo catolicismo vigente. Enquanto movimento de revolução intelectual, o Iluminismo tem como projeto a autonomia da razão, como instrumento capaz de libertar o ser humano da ignorância, do obscurantismo da magia e das superstições dogmatizadas;

[...] aversão profunda ao princípio de autoridade tradicional, à crença na possibilidade de um conhecimento geral sobre o homem e o mundo em todos os seus aspectos e sem falar numa defesa do conhecimento científico e da técnica como algo de essencial ao progresso, uma vez que “a razão dos iluministas se explicita como defesa do conhecimento científico e da técnica enquanto instrumento de transformação do mundo e de melhoria progressiva das condições espirituais e matérias da humanidade”. (REALE; ANTISERI, 2003, p, 666).

Considerando tais características, é importante ressaltar que o Iluminismo é antes de tudo uma postura diante da vida e não um sistema de ideias abstratas. Desta forma, pode-se caracterizá-lo como projeto de emancipação. O que caracteriza esta atitude é, portanto, a audácia no exercício do juízo contra o dogmatismo das instituições que oprimem a liberdade individual.

O Iluminismo começa a quebrar o molde obsoleto do conhecimento filosófico, a forma do sistema metafísico. Não acredita mais no privilégio nem na fecundidade do espírito de sistema: vê neste não a força, mas o obstáculo e o freio da razão filosófica (CASSIRER, 1994, p. 20).

O Iluminismo já não se ocupa consigo mesmo, como um domínio exclusivo do conhecimento sobre o mundo. Ele deve seguir livremente o seu impulso, assumindo um movimento imanente como um meio universal de atingir a forma fundamental da realidade

³ Essas novas filosofias que surgem no renascimento são caracterizadas fundamentalmente pelo seu individualismo prático e teórico, pela exaltação da vida mundana, pelo acentuado sensualismo, pela mundanização da religião, pela tendência paganizante, pela libertação em relação às autoridades constituídas que haviam dominado a vida espiritual no passado, pelo forte sentido da história, pelo naturalismo filosófico e pelo extraordinário gosto artístico.

no que diz respeito ao mundo e à humanidade, buscando o lugar onde cada verdade se desenvolve e se consolida: “[...] com a investigação aberta, sem entraves, não reprimida por dogmas ou autoridade derivada de fontes que não pudessem elas próprias suportar essas investigações”. (DENT, 1996, p. 144). Partindo do primado absoluto da razão, princípio e garantia do progresso da humanidade, uma vez que este se identifica com o avanço do conhecimento verdadeiro, o ideário iluminista produz e articula as principais categorias que tocam a sensibilidade intelectual no século XVIII. Estas categorias são os desdobramentos de uma questão que agita todo o espírito do Iluminismo: o homem. A ideia básica que norteava as formulações iluministas era a liberdade, como característica essencial e natural do homem, em função da qual a sociedade deveria organizar-se.

O princípio da liberdade individual se tornava por extensão, inerente aos povos, que são, em última análise, os homens reunidos. A meta principal era emancipar o homem por meio do livre exercício da razão, pois, acreditavam os iluministas que somente por esta via os preconceitos impostos pelo tradicionalismo da religião instituída poderiam ser abortados da mente humana. A razão, para ser exercida livremente, não deveria está submetida a nenhuma autoridade e nem a regras que lhe sejam exteriores. Os iluministas, desta forma, procuravam reivindicar para o ser humano a igualdade de oportunidade recusada pelas instituições religiosas. Diante desse contexto, a sociedade é intimada a comparecer perante o tribunal da razão e desta forma ser interrogada sobre a legitimidade de seus títulos, sobre os fundamentos de suas verdades e de sua validade. Esse horizonte da racionalidade moderna constitui o que chamamos de projeto iluminista da modernidade.

A RAZÃO ILUMINISTA E A NOÇÃO DE AUTONOMIA

O conceito de autonomia está inseparavelmente ligado à ideia de liberdade; nela o princípio geral da ética encontra sua forma de expressão mais adequada. A autonomia do sujeito se expressa na sua capacidade de autodeterminação, na sua vontade legisladora de estabelecer e concretizar fins no mundo social. Dessa forma, podemos dizer que a autonomia é, em termos gerais, aquilo que Kant denominou de *maioridade da razão*, a saber, a capacidade de fazer uso público da razão em todas as questões, assumindo para si todas as

responsabilidades com a sua existência. Seguindo o postulado kantiano, a autonomia da razão não é outra coisa senão "a linha filosófica caracterizada pelo empenho de estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana" (ABBAGNANO, 1962, P. 509). O próprio Kant no *Prefácio à primeira edição da Crítica da razão pura*, define a sua época como de crítica:

A nossa época é por excelência uma época de crítica à qual tudo deve submeter-se. De ordinário, a religião, por sua santidade, e a legislação, por sua majestade, querem subtrair-se a ela. Mas neste caso provocam contra si uma justa suspeição e não podem fazer jus a uma reverência sincera, reverência esta que a razão atribui exclusivamente àquilo que pode sustentar-lhe o exame crítico e público. (KANT, 2005. p, 15).

O iluminismo possui uma confiança decisiva na razão humana, propõe um despreconceituoso uso crítico da razão voltada para a libertação em relação aos dogmas metafísicos, aos preconceitos morais, às superstições religiosas, às relações desumanas e tiranas, os quais representam para os iluministas formas heteronomia. A libertação dessas heteronomias por meio do uso crítico da razão possibilitaria experiências de autonomia. A definição dada por Kant ao iluminismo talvez seja a mais conhecida e para esse trabalho é com certeza a mais elucidativa:

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*]" (KANT, 2005 p.100).

Fica claro a partir da citação acima que em Kant, a *Aufklärung* significa mais que conhecer simplesmente. Acima de tudo, significa a realização de sua filosofia prática, que busca a moralização da ação humana através de um processo racional. Segundo Rouanet, o lema *Sapere aude* (ouse saber) refere-se à razão em seu sentido mais amplo, não exclusivamente à razão científica (ROUANET, 1987, p. 209). O *Aufklärung* implica na superação da menoridade, que é uma condição de heteronomia. Requer a decisão e a

coragem de servir-se de si mesmo, ou seja, de servir-se de sua própria razão para pensar por conta própria e guiar-se sem a direção de outro indivíduo. O esclarecimento, dado pelas luzes da razão, possibilita ao indivíduo abandonar a ignorância, permitindo sua ascensão a um nível superior de cultura, educação e formação.

Kant alerta que *“é difícil para um homem desvencilhar-se da menoridade quando ela se tornou para ele quase uma natureza”* (KANT, 2005, p. 64). Mesmo assim, *“para que tal ocorra nada mais se exige a não ser liberdade de fazer uso público da razão em todas as questões”* (KANT, 2005, p. 65). A liberdade de fazer uso público da razão é necessária autonomia da ação e da palavra. O iluminismo é otimista porque acredita no progresso por meio do uso crítico e construtivo da razão. No entanto, a razão não é mais um complexo de idéias inatas dadas antes da experiência nas quais se manifesta a essência absoluta das coisas. A razão não é um conteúdo fixo, mas muito mais uma faculdade que só se pode compreender plenamente em seu exercício e explicação.

Em suma, os iluministas têm confiança na razão - e, nisso, são herdeiros de Descartes, Spinoza ou Leibniz -, mas, diversamente das concepções desses filósofos, a razão dos iluministas é aquela do empirista Locke, que analisa as idéias e as reduz todas à experiência. Trata-se, portanto, de uma razão limitada: limitada à experiência e fiscalizada pela experiência. A razão dos iluministas é a razão que encontra o seu paradigma na física de Newton, que não aponta para as essências, não se perguntando, por exemplo, qual é a causa ou a essência da gravidade, não formulando hipóteses nem se perdendo em conjecturas sobre a natureza última das coisas, mas sim, partindo da experiência e em contínuo contato com a experiência, procura as leis do seu funcionamento e as submete à prova. (REALE, 1990, p. 672).

Portanto, a razão iluminista é uma razão pautada exclusivamente nas bases da experiência, pondo todas as coisas sobre o julgamento da prova. Desta forma, a noção de autonomia iluminista se refere a uma razão que se baseia paulatinamente as evidências empíricas e matemáticas.

A CRÍTICA À RAZÃO SEGUNDO ADORNO E HORKHEIMER

Como mostramos na cessão anterior, com o surgimento do Iluminismo no início do século XVIII, surgiu uma exaltação da razão como instrumento de libertação. Com a

possibilidade de o próprio homem escolher o que deve ou não ser aceito como verdadeiro, através da comprovação científica, aflora-se a subjetividade, isto é, o homem passa a ser compreendido como dotado de uma racionalidade, praticamente “imbatível”. Nesse sentido, verifica-se na Modernidade o fortalecimento da subjetividade. Então, se é a razão que governa o mundo, isso significa que o poder de decidir está no homem que a detém a capacidade de conhecer e julgar a realidade a partir de sua racionalidade.

Desta forma, vislumbra-se a exaltação da razão na Idade Moderna e o conseqüente engrandecimento do sujeito e de suas potencialidades. No entanto, Adorno e Horkheimer interpretaram a vitória do nazismo e a derrota das esperanças revolucionárias como objeto de crítica para fundamentar o papel dialético de dominação inerente a própria história da razão. Eles criticam a razão a partir dela própria. Essa crítica à razão é tão incisiva que não sobra nenhuma saída para que o sujeito venha a alcançar sua posterior autonomia, pois a própria tentativa de autonomia já é ela uma forma de aumentar o seu domínio. Esta razão instrumental sujeita os indivíduos e a vida social, ao conhecimento técnico e empírico, ocasionando um processo de desumanização:

Horkheimer e Adorno não negam que a razão instrumental tem em si mesma, certa possibilidade de emancipação. Esta é, porém, uma tentativa eivada de uma fé ingênua nas ciências empíricas que, ao término de tudo, quase sempre recai no mito, na barbárie e na dominação. A razão instrumental determina um saber voltado para a técnica e a dominação da natureza e dos homens, tolhendo qualquer tentativa de promover uma situação na qual os sujeitos possam almejar a verdade. A Teoria Crítica diz que essa razão se transformou num poder que define os homens como meros manipuladores de instrumentos e transforma as pessoas em máquinas. Esses pressupostos se apóiam no princípio objetivista da ciência que reduz o sujeito a mero objeto de observação e controle (PIZZI, 1994, p. 19).

Ou ainda: *“por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está em uma nova espécie de barbárie?”* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11). De fato, esperava-se que com a civilização científica e o triunfo do pensamento esclarecido, levaria a sociedade a uma idade de ouro, livrando-se da barbárie própria da vida natural.

No entanto, a situação da vida humana mostra que os sonhos do iluminismo eram apenas ilusões. Na sociedade atual, o pensamento esclarecido, crítico e emancipado está em

regressão, pois se tornou pensamento único. A busca pelo conhecimento crítico foi abandonado e usa-se a razão exclusivamente para criar instrumentos e meios que garantam a conservação da vida; usa-se a razão (pensamento) para aprender, criar algo “útil”, economicamente compensador. Nos padrões da sociedade massificada, para conservar a vida, vale qualquer sacrifício, inclusive o da própria consciência. A palavra esclarecimento é aqui utilizada como sinônimo de iluminismo (*Aufklärung*), e significa no contexto de Adorno e Horkheimer, o movimento da razão que pretende racionalizar o mundo, tornando-o manipulável pelo homem (REALE; ANTISERI, 1991, p. 844), isto é, desencantar, dissolver os mitos e substituir a imaginação e a fé pelo saber. Com esta desmistificação, o esclarecimento objetiva livrar os homens do medo e colocá-los na posição de senhores. De fato, a queda do mito deixa o mundo nas mãos do homem. Este é, na verdade, o projeto de dominação da Modernidade iniciado efetivamente pela revolução científica.

O homem dominado pelo pensamento mítico, não esclarecido, possui impedimentos para que aconteça a síntese entre entendimento e verdade. Francis Bacon, indicou estes empecilhos: credulidade, aversão à dúvida, temeridade no responder, vangloriar-se com o saber e ter conhecimentos parciais. Para vencer estes impedimentos é necessário o saber, o conhecimento (*sapere aude*: ousar saber, lema iluminista). O homem, usando a sua razão, vence a superstição, desencanta a natureza e a si mesmo, e transforma seu conhecimento exclusivamente em algo técnico. Por isso, saber é poder. O que interessa não é a verdade, mas o pensamento operativo, técnico e eficaz. Logo, a Modernidade possui um projeto dominador. Bacon indica o pensamento como um meio eficaz para dominar a realidade: “*Só o pensamento que faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos*” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 40). No entanto, para triunfar, o esclarecimento produziu seus próprios mitos:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber [...] O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com

os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p-p. 17-21).

O projeto iluminista cria sua própria mitologia, a ordem natural do mercado e das consciências, a doutrina da igualdade como uniformidade e o princípio da imanência. Mas, o princípio primordial do esclarecimento é assegurar a conservação de si mesmo pela adaptação, o que conduz à ratificação da idéia de destino. Outra consequência da instauração da sociedade esclarecida é a indiferença que marca as relações sociais: a identidade de tudo com tudo, a mesma indiferença do mercado quanto à origem das pessoas que nele vêm trocar suas mercadorias. A negação das diferenças conduz à necessidade da coletividade. Esta coletividade consiste na negação de cada indivíduo, formando, assim, o que se entende por massa. A massa nada mais é que a abstração das individualidades na sociedade que assim se torna planificada. Nenhum indivíduo fica de fora da unidade social. O “*fora*” dessa sociedade unidimensional é o desconhecido, o que não segue a norma, que pensa diferente, e este elemento é afastado, pois é fonte do medo e da angústia: “*O pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ele próprio possa finalmente substituí-lo.*” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 33).

O pensar reifica-se. O que significa esta reificação? Pode-se dizer que ocorre a reificação sempre que uma realidade social ou subjetiva, que é de natureza dinâmica e criativa, passa a apresentar características próprias das realidades inorgânicas, tais como fixidez, automatismo, passividade. Estas características fazem com que o que era dinâmico e criativo perca sua autonomia e autoconsciência. Assim, o pensamento reificado é o pensamento transformado em coisa, como algo fixo, imutável, passivo e automático. Na sociedade esclarecida, o pensar se transforma em instrumento (razão instrumental) das ciências positivas. A expressão “*eu penso*” passa a significar eu percebo, eu classifico, eu calculo. Nesse sentido, o “*eu penso*” se reduz a um puro formalismo fisiológico, numa atividade automática e passiva. Em resumo, o pensamento esclarecido é um pensamento que não se pensa: “*o esclarecimento pôs de lado a exigência clássica de pensar o pensamento porque ela desviaria do imperativo de comandar a práxis*” (ADORNO;

HORKHEIMER, 1985, p.37). O que se entende pela expressão “*pensar o pensamento*”? Entende-se a reflexão crítica sobre as condições do pensar em geral e sobre o conteúdo do que se pensa. Por isso, o pensar-se é ser autoconsciente. Na sociedade bem administrada o indivíduo não pensa. A razão é cega, pois não vê a si mesma, e isso é uma nova forma de barbárie. E já sabemos os perigos que este tipo de racionalidade esclarecida representa para a humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi apresentado o projeto filosófico da razão iluminista para a Modernidade. A apresentação tomou como ponto de partida, a Modernidade, que se apresentou como um projeto do iluminismo, tendo como meta a emancipação do sujeito. Foi mostrado que no início da Modernidade essa racionalidade prometera a emancipação da humanidade, postulando três ideias fundamentais que iriam garantir tal fim, a saber, a universalidade, a individualidade e a autonomia. Ficou claro que a própria história se encarregou de mostrar que o caminho tomado pela humanidade não fora o da autonomia, como prometiam os iluministas, mas a total dominação. Identificou-se que a não concretização do projeto moderno, se deu pelo fato da Modernidade ter priorizado um tipo de razão voltada para o domínio em geral.

Esta razão é instrumental: subjetiva, centrada única e exclusivamente no sujeito que orienta suas ações para obter determinados fins, tendo em vista não o bem comum, mas sim o bem particular. Apontou-se que esta razão instrumental consiste e dirige o sujeito e a vida para um conhecimento puramente empírico e teórico. Destaca-se num determinado ponto do trabalho a concepção de reificação, enfatizando que esta significa uma realidade dinâmica e criativa. Logo, constitui-se na Modernidade um homem a partir de uma sociedade automática, fixa e passiva. Fazendo com que a dinamicidade e a capacidade criativa perdessem a sua autonomia. Com isso, o pensamento reificado é transformado em objeto, instrumento de manipulação das classes dominantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 2a ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- ADORNO, T. W; M, HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**. Fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- CASSIRER, E. **A filosofia do Iluminismo**. 3. ed. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora UNICAMP, 1994.
- DENT, N. J. H. **Dicionário Rousseau**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- FONSECA, R. M. **Modernidade e contrato de trabalho: do sujeito de direito a sujeição jurídica**. São Paulo: LTr, 2002.
- _____. **Adorno/Horkheimer e A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: 2002.
- LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-moderna**. Lisboa, Gradiva, 1989.
- OLIVEIRA, M. A. **A filosofia na crise da modernidade**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1990.
- PIZZI, J. **Ética do Discurso: a racionalidade ético-comunicativa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- ROUANET, S. P. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- REALE, G; ANTISERE, D. **História da Filosofia: Do Humanismo à Kant**. 6.ed. São Paulo: Paulinas. 2003. 2. V. (História da Filosofia).
- _____. **História da Filosofia: Do Humanismo a Kant**. São Paulo: Paulus, 1990.
- _____. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. São Paulo: Paulus, 1991.
- KANT, Immanuel. **Resposta e pergunta: Que é “Esclarecimento”? (Aufklärung)**. In: Textos Seletos. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 3a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.